

# Operações Psicológicas: O uso da propaganda para mobilização nacional no Brasil e a contrapropaganda da FEB contra as tropas nazifascistas na Itália

André Luís Woloszyn <sup>a</sup>

**Resumo:** Este breve artigo aborda o papel das operações psicológicas ou guerra psicológica antes e ao longo da Segunda Guerra Mundial no Brasil e no teatro de operações da Itália, com a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Relata os esforços e a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em campanhas de mobilização nacional e recrutamento para a FEB em conjunto com o Departamento de Propaganda dos EUA, além da atuação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) para os esforços de guerra. Excursiona por uma série de boatos, parte de uma ampla campanha de desinformação como mecanismo de pressão ao presidente Getúlio Vargas no sentido de acelerar o rompimento com os países do Eixo, conjuntura que também o acompanhou ao longo de todo o conflito. Apresenta a propaganda nazista no front italiano contra as tropas brasileiras e a reação desta em ações de contrapropaganda. Por fim, conclui acerca da relevância das operações psicológicas nos conflitos modernos e das lições apreendidas sobre a atividade neste último conflito mundial.

**Palavras-chave:** Guerra psicológica; Propaganda; Contrapropaganda; Brasil; FEB; Campanha da Itália.

## INTRODUÇÃO

Operações psicológicas por meio da propaganda e contrapropaganda é uma ferramenta política e militar

utilizada nas guerras, notadamente, a partir da Primeira Guerra Mundial, cuja finalidade, além da desinformação, é a de abater o moral das tropas e,

---

<sup>a</sup> Tenente-coronel PM da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul. Associado Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



consequentemente, o ímpeto destas em continuar lutando em uma determinada zona de operações. Isso ocorre por meio do apelo e da exploração emocional dos combatentes acerca das dificuldades que se defrontariam com o terreno, clima, distância do lar e de supostas ameaças e vulnerabilidades à sua sobrevivência contra uma força superior. Em outras palavras seu objetivo é incutir um estado mental de medo e estresse, na tentativa de coagir o adversário para que tome a atitude que o oponente deseja.

Com efeito, tais ações foram muito utilizadas no front italiano tanto pelas tropas nazistas como brasileiras, cada qual, na tentativa de incutir no adversário, um desalento emocional que acarretasse menor ímpeto de luta e, consequentemente, desequilíbrio nas operações de guerra. Contudo, a propaganda de guerra nem sempre é maléfica. Por outro lado, é utilizada, também,

internamente para fins de recrutamento às forças armadas, venda de bônus de guerra e para orientações em massa de como proceder em caso de ameaças de invasão por terra ou bombardeios aéreos.

Segundo a definição de Farago, “a propaganda de guerra é por si só o maior instrumento da guerra política, fazendo com que outros ajam de modo vantajoso para um lado, prejudicando o outro”<sup>1</sup>.

Com uma visão mais recente, sem, no entanto, confrontar com antigas definições, Chomsky e Herma asseveram que a propaganda de guerra se tornou no mundo moderno uma arma poderosa para angariar apoio público para a guerra e fornecer uma justificativa moral para ela, geralmente destacando a natureza “má” do inimigo. Também é usada para quebrar a vontade das forças inimigas de lutar<sup>2</sup>.

Neste sentido, este breve artigo trata em sua primeira parte da propaganda interna de guerra no Brasil a partir da



declaração do estado de beligerância contra os países do eixo, Alemanha e Itália, utilizada tanto como ferramenta de recrutamento, como instrumento de orientação à população. Na segunda parte, excursiona pela propaganda de guerra adversa realizada pelas tropas nazifascistas na zona de operações da FEB, na Itália, e da reação das tropas brasileiras em resposta a estas incursões com ações de contrapropaganda.

### **A PROPAGANDA INTERNA: O PAPEL DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA NA MOBILIZAÇÃO POPULAR**

O governo de Getúlio Vargas contou com um forte instrumento de propaganda e contrapropaganda para influenciar a opinião pública brasileira na tentativa de neutralizar a eficiente propaganda nazista de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler,

considerado um mestre nesta atividade.

Levada a efeito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 no Estado Novo, alinhado as diretrizes do governo federal, tinha por finalidade exercer o controle dos veículos de informação e cultura do país e promover a ideologia do regime entre a população. Este departamento realizava a confecção de cartazes, produzia reportagens especiais publicadas em jornais e revistas, programas radiofônicos, peças teatrais e concursos musicais com uma forte censura, possuindo filiais em todos os Estados.

Na Segunda Guerra Mundial, a atuação deste órgão governamental, indiretamente, um centro de informações e contrainformações, foi conjunta com o Departamento de Comunicação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) dos EUA, que, da mesma forma que o DIP, era responsável pelas atividades



relacionadas a imprensa escrita, rádio, cinema e contrapropaganda de guerra. Sua tarefa principal era enaltecer os EUA, reforçando a política de boa vizinhança e minimizar os impactos da propaganda nazista na América Latina.

Inicialmente, o DIP atuou em caráter de censura coibindo as manifestações culturais da comunidade germânica no país a partir de 1937. Esta data marcou a ilegalidade do Partido Nacional Socialista no Brasil passando a clandestinidade.

Outra importante atividade foi neutralizar a farta propaganda nazista transmitida

amplamente à sociedade brasileira por meio de inúmeros panfletos, jornais, revistas e emissoras de rádio. Esta enfatizava a amizade entre ambos os países, os avanços econômicos e os benefícios trazidos à sociedade alemã sob a batuta de Hitler, creditando aos EUA o papel de verdadeiro inimigo do Brasil.

Após a declaração de guerra, foi responsável pela mobilização popular nos esforços de guerra produzindo diversas peças publicitárias destinadas a exaltar o nacionalismo dos brasileiros face aos ataques de submarinos alemães no litoral do Nordeste,

Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fonte: Arquivo Nacional



em especial pelo episódio do torpedeamento de cinco unidades navais mercantes pelo submarino alemão *U-507*, resultando em mais de 600 mortos, episódio que deu origem a declaração de guerra.

Reproduzimos alguns dos cartazes produzidos pelo DIP (figuras 1 a 4), afixados nas ruas e divulgados em jornais e revistas por todo o país.

Sob a influência dos EUA, que iniciava sua estratégia da política de boa vizinhança com os países da América Latina, no chamado *American Way of Live* buscando alianças para os aliados na Europa, intermediou a vinda de astros do cinema de Hollywood ao Brasil entre os anos de 1940 e 1942 como Walt Disney e Orson Welles além da exibição de filmes norte-americanos mostrando as atrocidades dos nazifascistas contra os povos e os benefícios para o Brasil de uma aliança com os EUA, sob supervisão do DIP<sup>3</sup>.

Walt Disney, acompanhado de uma equipe de 16 técnicos em

sua segunda viagem ao Brasil, em 1941, criou o personagem de animação Zé Carioca, um amigo bonachão do Pato Donald e o desenho original da Cobra Fumando, distintivo posteriormente adotado como símbolo pela FEB, além da exibição e filmes de seus personagens no Rio de Janeiro, Bahia e Pará, sempre com um viés colaboracionista entre brasileiros e norte-americanos.

Orson Welles, por seu turno, tinha como objetivo realizar um filme sobre o Carnaval e os costumes do país, contudo o filme nunca foi realizado. Ademais, programas produzidos nos EUA em português sobre a guerra e as vitórias aliadas eram reproduzidos nas rádios nacionais, incluindo no programa radiofônico “A Hora do Brasil”.

Muitos historiadores creditam este período como o início da americanização do Brasil no que se refere à cultura, posteriormente, no campo econômico e tecnológico com a cedência de material bélico,



armas, munições, embarcações e aeronaves as forças armadas, somado ao fomento da industrialização do país.

Ademais, o DIP monitorava as matérias jornalísticas produzidas e enviadas às redações pelos correspondentes de guerra que acompanhavam a FEB no teatro de operações da Itália além de produzir boletins semanais para os órgãos da imprensa nacional acerca do desempenho das forças brasileiras no front italiano, antes de sua extinção em 25 de maio de 1945.

Vale destacar, que embora os esforços empreendidos pela propaganda no recrutamento de pessoal em todo o território nacional para integrarem o efetivo da FEB, o resultado foi decepcionante. Segundo Paula Cidade, a esperança do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, “de uma avalanche de estudantes a entrar pelos quartéis adentro, exatamente a classe que em um congresso estudantil votou moções de apoio

a intervenção direta do país na guerra realizando grandes manifestações, foi pífia”<sup>4</sup>.

Outra instituição que contribuiu com propaganda na Segunda Guerra Mundial com apoio do DIP foi a Legião Brasileira de Assistência (LBA), criada em 1942, pela primeira-dama do país, Darcy Vargas. O objetivo da Legião era recrutar mulheres para apoiar assistencialmente os esforços de guerra, junto aos combatentes na Itália e a seus familiares no Brasil.

Fig. 5 – Campanha “Madrinhas dos combatentes”



Fonte: Arquivo Nacional



Entre os eventos realizados se destaca a campanha “Madrinhas dos combatentes” (figura 5) ou madrinhas de guerra que consistia em voluntárias dispostas a trocar cartas frequentes com os soldados ao longo da guerra, prestando informações sobre seus familiares no Brasil e atender, dentro do possível, às necessidades destes como roupas, livros e cigarros, oferecendo importante apoio moral, emocional e conforto psicológico. Tais correspondências se tornaram uma importante fonte histórica.

## **A GUERRA PSICOLÓGICA DE BOATOS E DA DESINFORMAÇÃO DIRECIONADA AO BRASIL**

A desinformação interna sempre esteve presente como mecanismo de pressão política e militar a Vargas mesmo no período em que o país se posicionou pela neutralidade arrefecendo ao longo da Batalha do Atlântico.

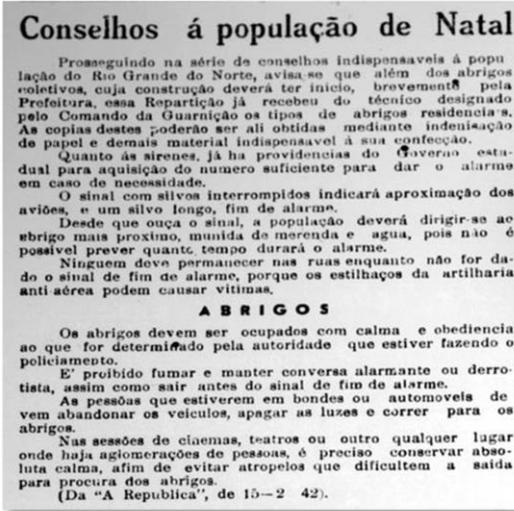
Dois anos antes, em 1940, o Serviço Secreto britânico havia informado a Washington que cerca de seis mil nazistas estavam se dirigindo ao Brasil a bordo de navios mercantes, com o objetivo de juntarem-se a comunidade germânica local num golpe para deposição de Getúlio Vargas.

Tal informação, nunca confirmada, alarmou Roosevelt que comunicou ao presidente brasileiro. Roosevelt elaborou um plano que previa o envio de dez mil soldados norte-americanos caso a invasão se concretizasse e, posteriormente, mais cem mil homens na Operação denominada “Pote de Ouro” Este informe resultou na intensificação do trabalho de rastreamento das estações de rádio clandestinas no Brasil pela inteligência naval norte-americana a partir de 1940 e a sugestão de Washington para fosse implantado um serviço secreto brasileiro destinado a vigiar os súditos dos países do Eixo<sup>5</sup>.

Outros boatos inquietantes também circulavam nos EUA em



Fig. 6 – Conselhos à população de Natal



Fonte: Jornal *A República*

relação ao Brasil, como o da existência de uma conspiração nazista para derrubar o presidente Getúlio Vargas, de que Hitler pretendia utilizar os portos e aeroportos da região Nordeste como base para a Kriegsmarine e Luftwaffe e de que os alemães possuíam um exército de aproximadamente 100 mil homens treinados no Brasil, integrado por membros da colônia germânica nos estados do sul<sup>6</sup>.

Contudo, a maior operação de desinformação foi sem dúvida o episódio da Carta forjada<sup>7</sup>, datada de 30 de outubro de 1941, supostamente enviada pelo Presidente da *Linee Aeree Transcontinentali Italiane S/A* (LATI), general Italiano Aureliano Liotta, ao representante da empresa no Brasil, Comandante Vincenzo Coppola, utilizando termos pejorativos a Getúlio

Vargas, na tentativa de acelerar o rompimento do Brasil com os países do Eixo<sup>8</sup>.

Com resultado dos boatos e da desinformação as propagandas de orientação à população de como proceder para se abrigar em segurança em caso de possíveis bombardeios da Luftwaffe ocorreram, em especial, a partir de 1943, nas das cidades litorâneas e Natal, Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro, cujos habitantes sofriam grande estresse com o



acionamento de combustível, alimentação e papel além de constantes *blackouts*, acionados aos moldes tradicionais com o uso de sirenes, sinos das igrejas e apitos, objetivando reduzir as chances da identificação de alvos em ataques aéreos.

No texto da matéria da figura 6, publicada no jornal *A República*, podemos observar que a ideia era a construção de abrigos residenciais coletivos em Natal-RN, promessa que nunca se materializou, provavelmente, por novas avaliações acerca desta ameaça. É preciso lembrar, que os arredores da cidade de Natal foi a sede entre 1942 e 1945, da maior base aeronaval dos EUA no continente, batizada de Parnamirim Field, distante cerca de 20 km da capital, considerada um ponto estratégico vital para os esforços de guerra dos aliados uma vez que era um ponto de passagem para as aeronaves americanas em operações do norte da África, situação que justificava um possível ataque aéreo.

## **A CENSURA POSTAL DAS CORRESPONDÊNCIAS DA FEB ENVIADAS AO BRASIL**

Embora a correspondência dos integrantes da FEB com seus familiares no Brasil tenha seguido um fluxo de normalidade, a intensa atividade de espionagem inimiga em sua zona de operações despertou para a necessidade da existência de um maior controle sobre o conteúdo destas correspondências, pois poderiam cair nas mãos inimigas, se constituindo em importante fonte de informações e alvo da propaganda inimiga.

Para este fim, foi criado o Serviço Postal da FEB, implantado na 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, um setor até então inexistente na estrutura do Exército Brasileiro.

A este respeito, Costa assim manifesta:

Com a declaração de guerra e o envio de tropas para os combates, a instalação da Censura Postal Militar foi



necessária, pois eram questões de segurança nacional e mundial as medidas de contrainteligência que evitassem que informações sobre o que ocorria nos campos de batalha caíssem em poder dos Estados em guerra contra os aliados. No envio das cartas, às vezes de maneira involuntária, o soldado acabava fornecendo esses dados, que se não fossem devidamente monitorados por algum órgão, seriam tratados como informação de guerra<sup>9</sup>.

A partir de então, as correspondências passaram por crivo da censura postal com apoio do setor de contraespionagem. Assuntos militares como o moral dos colegas, o local em que se encontrava estacionado, dificuldades com treinamento e adaptação, foram terminantemente proibidos de registro sob pena de não serem enviadas ao destinatário<sup>10</sup>.

Pereira e colaboradores oferecem maiores

esclarecimentos acerca dos níveis de censura:

[...] As cartas dos pracinhas eram revisadas por três níveis de triagem: a “operacional”, com o objetivo de verificar se os militares estavam informando detalhes das operações; a verificação da conduta tomada pelos soldados em território italiano; e a triagem ideológica feita pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O DIP era responsável pelas diretrizes e execuções da propaganda do Estado Novo e vetava cartas que faziam críticas ao governo de Getúlio Vargas<sup>11</sup>.

A contrainformação da FEB supervisionava, também, o material e conteúdo produzido pelos correspondentes de guerra, submetidos às regras do Regulamento para Correspondente de Guerra Acompanhando o Exército dos EUA em campo. Por questões de segurança, não era permitido publicar a descrição das bases militares da FEB, movimentos antecipados de tropas e



direção, assuntos relacionados a planos de operações, número do efetivo e de feridos e nome de oficiais. (Braga, 1996).

## **A PROPAGANDA DE GUERRA ALEMÃ NO FRONT ITALIANO**

A tática de explorar a guerra psicológica foi amplamente utilizada tanto pelos países do eixo como aliados, especialmente na Europa, ao longo da Segunda Guerra Mundial. Os alemães, na zona de operações da FEB, lançaram milhares de panfletos em pacotes, por meio da artilharia, nas trincheiras e bases de comando brasileiras. Utilizavam-se também de rádios clandestinas, na língua portuguesa, boletins, cartazes, jornais e panfletos como ferramenta de desinformação.

A finalidade principal destes materiais era intimidar e baixar o moral das tropas e reduzir seu ímpeto de luta, lançando dúvidas a respeito da motivação para morrer em combate, ou se sub-

meter a privações como o frio europeu, lutando por uma causa que, segundo alguns textos destes panfletos, não era dos brasileiros, mas dos EUA.

Os alemães espalhavam, constantemente, falsas notícias, boatos e ameaças como a de que seriam facilmente mortos, caso não se rendessem ao adversário ou desertassem. Havia apelos sentimentais utilizando-se das famílias dos soldados, que ficariam sem seus entes queridos, enquanto lutavam em uma guerra que não era sua. Além de semear dúvidas sobre a possibilidade de vitória, explorando as dificuldades climáticas e geográficas da zona de operações e o poderio de fogo da artilharia que fustigava as tropas brasileiras além de lembrar, constantemente, a ameaça de morte que rondava os combatentes em cada deslocamento, causando tensões permanentes. A seguir, a reprodução de três destes panfletos.



Fig. 7



Fonte: AHMTB/DF

Fig. 9



Fonte: TOTA et. al., 2005, p. 22

Fig. 8



Fonte: PINHEIRO, 1980, p. 46

Tais mensagens eram geralmente de cunho pejorativo. Logo após a chegada dos brasileiros a Itália, o jornal fascista *La Stampa*, publicou um artigo sob o título “Mercenários sobre os Alpininos”, denegrindo a imagem das tropas, classificadas como “capacho dos norte-americanos”.

A rádio de Milão, conhecida como “Voz da República Fascista”, transmitida para Berlim e outras de natureza clandestina incitavam a deserção e atentavam quanto a real capacidade do



soldado brasileiro em combate. Uma delas, operada por Margarida Hirschaman, realizava transmissões diárias em português. A radialista foi identificada e presa pela FEB, após a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã.

O texto do segundo panfleto dá ênfase a que, enquanto os soldados brasileiros morriam no *front* italiano, os verdadeiros inimigos circulavam pela costa do Brasil, referindo-se à Marinha e à aviação naval norte-americana e suas bases de apoio no litoral da Região Nordeste. Aduz que “o verdadeiro inimigo é o americano imperialista que quer fazer do Brasil uma colônia”.

O terceiro explora a dor dos familiares daqueles que futuramente tombarão em combate incitando-os a se entregarem e permanecerem como prisioneiros de guerra enquanto aguardam o fim da luta. Ambos os textos, denotam que os alemães conheciam aspectos básicos do Brasil e algumas das características do efetivo da FEB, notada-

mente, suas dificuldades iniciais de ambientação. Do contrário, tais mensagens não fariam sentido, pois não trariam a eficácia desejada em atingir o psicológico dos brasileiros.

A existência deste tipo de ação psicológica é prova que se contrapõe a ideia difundida por alguns estudiosos do tema, de que os alemães não sabiam com quem estavam combatendo na Itália, em parte, pelo fato de estarem utilizando o mesmo fardamento dos norte-americanos.

De todo modo, este tipo de ação, possuía um forte impacto psicológico. Além de semear dúvidas sobre a possibilidade de vitória, explorando as dificuldades geográficas da zona de operações, clima e poderio de fogo da artilharia que fustigava os brasileiros, lembrava a constante ameaça de morte que rondava os combatentes em cada deslocamento, causando estresse e tensões permanentes.

Por outro lado, a propaganda interna alemã visava ame-drontar os soldados da 232ª e



114<sup>a</sup> divisões na zona de operações da FEB. Araújo afirma que estas propagandas afirmavam que “os soldados aliados fuzilavam todo o prisioneiro de guerra, que os aliados pretos furavam os olhos dos soldados alemães ou lhes cortavam as línguas, antes de matá-los quando estes soldados lhes caíam nas mãos”<sup>12</sup>.

## **A CONTRAPROPAGANDA LANÇADA PELA FEB**

Todavia, a FEB também se utilizou deste mesmo recurso da guerra psicológica para disseminar sua mensagem as tropas alemãs e italianas, lançadas por granadas de artilharia e por aeronaves pertencentes à Esquadilha de Ligação e Observação (ELO), diretamente sobre as linhas inimigas. Seu conteúdo se mostra mais de cunho orientativo do que propriamente agressivo, sem conter charges depreciativas a figuras da liderança nazista ou aos soldados inimigos,

contexto observado em vários panfletos alemães.

A respeito da contrapropaganda, direcionada a neutralizar os efeitos da propaganda adversa, o comandante da FEB registra:

Na defensiva de inverno, praticou-se de ambos os lados a guerra psicológica: nossa artilharia arremessou em suas granadas quantidade apreciável de boletins de propaganda, destinados a arrefecer o entusiasmo bélico inimigo; e alto-falantes, instalados em nossas linhas avançadas, com a mesma finalidade, dirigiram-se diretamente ao combatente alemão exortando-o a entregar as armas<sup>13</sup>.

Da mesma forma, reportagem de Arlindo Silva relata:

[...] a contrapropaganda, foi utilizada pelos homens da Subseção de contraespionagem na linha de combate. Colocavam, no interior de granadas com pólvora, folhetos e salvo-condutos, convidando os soldados inimigos a bandearem para o lado



brasileiro. Os folhetos, explicavam por que os soldados brasileiros tinham atravessado o Atlântico para ir lutar contra a Alemanha e Itália. [...] os alto-falantes eram colocados, na calada da noite, junto às trincheiras inimigas (às vezes, a cem metros de distância apenas) e ligados para irradiar mensagens de propaganda aliada<sup>14</sup>.

Abaixo, é reproduzido um dos panfletos brasileiros, frente e verso, lançados por morteiro sobre a 148ª Divisão alemã dois dias antes de sua rendição a FEB, em 29 de abril de 1945.

Fig. 10



Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Fig. 11



Fonte: Arquivo Histórico do Exército

O conteúdo do texto traz a seguinte mensagem:

Por que nós, soldados brasileiros, lutamos contra os alemães? Tentamos responder a essa pergunta facilmente. Brasil se juntou às nações Aliadas contra a Alemanha Nazista por causa de duas razões mais do que convincentes: Primeiro, porque o nosso país, basicamente, tem sido desafiado várias vezes por submarinos corsários alemães, apesar de nossas ações diplomáticas, afundando nossos navios desarmados perto da



costa do Brasil, apesar de o Brasil sempre se declarar escrupulosamente neutro; Em segundo lugar, porque o povo brasileiro quer viver em um mundo livre, onde as pessoas vivem livres e pacificamente, e não em um mundo ocupado pela tirania de Hitler! A chamada "Nova Ordem" não foi destinada apenas à Europa, porque era na verdade uma conspiração mundial, um perigo para todos os países do mundo. Intriga política com a qual os nazistas procuraram envolver todos os países da América do Sul, incluindo a invasão do nosso país, a nova ordem alemã mostrou muito claramente que o Brasil tem sido diretamente afetado e ameaçado pelo Nacional-Socialismo. Nós soldados brasileiros lutamos na Europa, juntamente com os nossos camaradas das Nações Unidas, contra o imperialismo e o espírito de ataque nacional-socialista, para um futuro de liberdade e progresso.

Ratificando as narrativas anteriores, segundo os registros de Araújo,

as mensagens transmitidas nos alto-falantes foram amplamente utilizadas como propaganda pela FEB no setor Apenínico a fim de enviar apelos à deserção aos soldados adversários, em especial, das divisões fascistas, com alcance de 800 a 1.000 metros<sup>15</sup>.

Eram transmitidas na língua italiana e alemã por colaboradores e prisioneiros de guerra. O serviço de contrainformação brasileiro indicava um aumento na escuta destas mensagens, medido pelo aumento crescente do número de desertores.

Registros revelam que significativa parte das mensagens da FEB aos alemães e italianos se referiam a rendição, utilizando o argumento de que a guerra estava perdida, os aliados haviam penetrado no coração da Alemanha, especialmente os russos e, diante disso, sacrifícios como a perseverança em resistir e a perda de vidas, já não faziam sentido.



Em contrário *sensu*, embora a massificação destas mensagens, não há registros de que a propaganda nazifascista tenha causado grandes impactos psicológicos nas tropas brasileiras, cujos folhetos e transmissões radiofônicas, segundo relatos pessoais de correspondentes de guerra como Rubem Braga, Joel Silveira e Egidio Squeff, eram motivo de piadas de parte dos combatentes.

Ratifica este argumento a obra de Mirandolino Costa, médico-chefe do Posto Avançado de Neuropsiquiatria (PANP) da FEB, que não registra a internação de combatentes motivadas por questões emocionais advindas da propaganda inimiga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do acima exposto, podemos inferir acerca da complexidade da guerra moderna. Pode-se afirmar, ainda, a relevância das operações psicológicas ou guerra psicológica por meio da propaganda e contrapropaganda, am-

plamente utilizada nos atuais conflitos como a guerra entre Rússia e Ucrânia e a de Israel contra os grupos terroristas Hamas-Hezbollah. Embora os princípios sejam os mesmos, o alcance da tecnologia digital levou a uma maior amplitude destas ações acarretando desinformação para a comunidade internacional e dificuldades para os analistas em prever a duração destes conflitos.

Chama a atenção para o fato de que os impactos desta atividade ao longo da Segunda Guerra Mundial foram sentidos com maior intensidade no Brasil do que propriamente junto ao efetivo da FEB na Itália, cuja tropa inexperiente de início, combatia também contra as dificuldades de adaptação, terreno, clima e frente ao ímpeto do fogo inimigo.

Neste sentido, muitas lições desta guerra foram incorporadas as forças militares brasileiras que até então, desconheciam o poder das operações psicológicas, presente também, como ins-



trumento político dos governos junto a sua população.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Geraldo Batista de. *Caçando espiões: atividades do serviço de contraespionagem da FEB*. Rio de Janeiro: [s.e], 1963.

BRAGA, Rubem. *Crônicas de guerra: com a FEB na Itália*, Diário Carioca. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

BRASIL. Arquivo Nacional (1943). *Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)*. BR\_DFANBSB\_N8\_0\_PSN\_EST\_06\_31\_d0001de0001.PDF, p.229-230/242. Acesso em: 19. dez. 2023.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon, 1988.

CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de três séculos de literatura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

COLETÂNEA L. A Carta Forjada, *Revista da Escola Nacional de*

*Informações*, Brasília, nº 11, Ano I, ago.1997.

COSTA, Marcos Antônio Tavares. *A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB*. I Simpósio do Laboratório de História Política e Social - 70 Anos do Estado Novo, UFJV, Juiz de Fora, ICH, v. I., 2010. Juiz de Fora, p. 1-11. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a16.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2023.

FARAGO, Ladislau. *O mundo da espionagem*. Tradução de Almira Guimaraes. Rio de Janeiro: Dinal, 1966.

HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contraespionagem aliada no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MORAES, João B. Mascarenhas de. *Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes*, vol. I e II. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

PEREIRA, Fabio da Silva; MOREIRA, Florence Alencar; MESQUITA, Claudia. Por uma ação de feito excepcional na campanha



da Itália: as cartas do aspirante José Jerônimo de Mesquita. *Revista Valore*, v.5 (edição especial), p.162-182, 2021. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/773>. Acesso em 3 jan. 2024.

PINHEIRO, José Juarez Bastos. *A Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ivo Antônio Nunes Comércio de Livros LTDA. 1980.

SILVA, Arlindo. Último Segredo da FEB. A batalha silenciosa da contraespionagem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, edição de 17 de julho de 1954.

TOTA, Antônio Pedro; MAXIMIANO, Cesar Campiani. FEB: Os pracinhas vão à guerra. In: *Revista National Geographic – Brasil*. Edição especial da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Editora Abril. Edição 63-A. 2005.

## NOTAS

<sup>1</sup> FARAGO, Ladislau. *O mundo da espionagem*. Tradução de Almira Guimaraes. Rio de Janeiro: Dinal, 1966, p. 292.

<sup>2</sup> CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon, 1988, p. 341.

<sup>3</sup> A atuação conjunta do DIP com o Departamento de propaganda dos EUA pode ser vista em dois cartazes anteriores. No símbolo da Força Aérea norte-americana nas aeronaves que circulam o Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro, e no cartaz irmãos de armas, mostrando dois soldados de ambos os países demonstrando camaradagem.

<sup>4</sup> CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de três séculos de literatura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998, p. 681-682.

<sup>5</sup> HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contraespionagem aliada no Brasil, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

<sup>6</sup> COSTA, Marcos Antônio Tavares. *A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB*. I Simpósio do Laboratório de História Política e Social - 70 Anos do Estado Novo, UFJV, Juiz de



---

Fora, ICH, v. I., 2010. Juiz de Fora, p. 1-11. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a16.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2023.

<sup>7</sup> O documento de desinformação foi elaborado pela Coordenação de Segurança Britânica (BSC) sob a direção do canadense, William Stephenson, em conjunto com o FBI que assumiu a coautoria da farsa anos após o término da Guerra.

<sup>8</sup> COLETÂNEA L. A Carta Forjada, *Revista da Escola Nacional de Informações*, Brasília, nº 11, Ano I, ago.1997.

<sup>9</sup> COSTA, op.cit., p. 4.

<sup>10</sup> A censura postal é uma atividade recorrente nas guerras. Ao longo da 1ª Guerra Mundial, os censores militares norte-americanos receberam cerca de 31 milhões de cartas das quais mais de seis milhões foram examinadas. No decorrer da Segunda Guerra Mundial foram encaminhados aos censores postais britânicos 800 milhões de cartas das quais mais de dois milhões tiveram de ser submetidas a alguma análise. Nos EUA, milhares trabalharam no Departamento de Censura, a examinar milhões de correspondências de soldados vindas da Europa. Cf. Farago, op.cit..

<sup>11</sup> PEREIRA, Fabio da Silva; MOREIRA, Florence Alencar; MESQUITA, Claudia.

---

Por uma ação de feito excepcional na campanha da Itália: as cartas do aspirante José Jerônimo de Mesquita. *Revista Valore*, v.5 (edição especial), p.162-182, 2021, p. 172. Disponível em:

<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/773>. Acesso em 3 jan. 2024.

<sup>12</sup> ARAÚJO, Geraldo Batista de. *Caçando espiões: atividades do serviço de contraespionagem da FEB*. Rio de Janeiro: [s.e], 1963, p. 17.

<sup>13</sup> MORAES, João B. Mascarenhas de. *Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes*, vol. I e II. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p. 235.

<sup>14</sup> SILVA, Arlindo. Último Segredo da FEB. A batalha silenciosa da contraespionagem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, edição de 17 de julho de 1954, p. 9.

<sup>15</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 14.